



Atividade extra

Linguagem, cultura e variação linguística

Questão 1

Concordo plenamente com o artigo "Revolucione a sala de aula". É preciso que valorizemos o ser humano, seja ele estudante, seja professor. Acredito na importância de aprender a respeitar nossos limites e superá-los, quando possível, o que será mais fácil se pudermos desenvolver a capacidade de relacionamento em sala de aula. Como arquiteta, concordo com a postura de valorização do indivíduo, em qualquer situação: se procurarmos uma relação de respeito e colaboração, seguramente estaremos criando a base sólida de uma vida melhor.

SOUZA, Tania Bertoluci de. Porto Alegre, RS, Disponível em www.kanitz.com.br/veja/cartas.htm>. Acesso em: 2 maio 2009. Adaptado

O texto pertence ao gênero textual "carta do leitor". Considerando os elementos de comunicação, afirma-se que

- o texto usa uma linguagem coloquial, já que os interlocutores são adolescentes e se comunicam através de uma rede social.
- o emissor usa uma linguagem muito formal, pois a carta tem como destinatários profissionais executivos de grande empresa.
- o texto é uma narrativa, na medida em que há uma opinião do emissor em relação ao tema, uma reportagem que foi publicada no jornal.
- o referente, isto é, o assunto central da carta, é uma reportagem que foi publicada na revista anteriormente, motivo pelo qual o emissor apresenta sua opinião.

Questão 2



SOUZA, Maurício de. [Chico Bento]. O Globo, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, 19 dez. 2008, p.7.

O personagem Chico Bento pode ser considerado um típico habitante da zona rural, comumente chamado de “roceiro” ou “caipira”. Considerando a sua fala, essa tipicidade é confirmada primordialmente pela

- transcrição da fala característica de áreas rurais.
- redução do nome “José” para “Zé”, comum nas comunidades rurais.
- emprego de elementos que caracterizam sua linguagem como coloquial.
- escolha de palavras ligadas ao meio rural, incomuns nos meios urbanos.

Questão 3

Na tirinha de Chico Bento, o autor registrou a fala do personagem. Considerando a origem, a classe social do personagem e o contexto da tirinha, percebe-se que o autor optou por fazer um registro da língua

- culta
- formal
- escrita
- regional

Questão 4

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

[...] O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.

Quem está ao pé dele está só ao pé dele. [...]

(Fernando Pessoa - <http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaero/tejo.php>)

No verso "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia". O sujeito do verbo correr é

- a. Tejo
- b. rio
- c. que (no lugar de rio)
- d. aldeia

Questão 5

"Batem leve, levemente,

Como quem chama por mim...

Será chuva? Será gente?

Gente não é certamente

E a chuva não bate assim."

(Augusto Gil – excerto) - <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/agil.htm>)

O sujeito é um dos termos essenciais da oração. Qual é o sujeito de "Batem leve, levemente"?

- a. sem sujeito
- b. sujeito indeterminado
- c. sujeito oculto
- d. sujeito composto

Questão 6

[...] O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida! [...]

Clarice Lispector - excerto - http://www.releituras.com/clispector_galinha.asp

O sujeito é o termo da oração que realiza ou sofre com uma ação verbal e concorda com o verbo. Ele pode ser classificado em três tipos. Na oração: "Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha." O sujeito e o tipo de sujeito desta oração, respectivamente é:

- a. Nunca ninguém / composto.
- b. Ninguém / simples.
- c. Ninguém / indeterminado.
- d. Nunca / simples.

Questão 7

A linguagem

na ponta da língua

tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem

na superfície estrelada de letras,

sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele e quem sabe,

e vai desmatando

o Amazonas de minha ignorância.

Figuras de gramática, esquemáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Ja esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

(Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.)

No poema, a referência à variedade padrão da língua está expressa no trecho:

- e. (A) “A linguagem / na ponta da língua” (v.1 e 2).
- f. (B) “[a lingua] em que pedia para ir lá fora” (v.14).
- g. (C) “[a lingua] em que levava e dava pontapé” (v.15).
- h. (D) “A linguagem / na superfície estrelada de letras” (v.5 e 6).

Questão 8

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

(BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (Adaptado).

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, por que a maneira de falar da gerente foi alterada?

Gabarito

Questão 1

- A** **B** **C** **D**

Questão 2

- A** **B** **C** **D**

Questão 3

- A** **B** **C** **D**

Questão 4

- A** **B** **C** **D**

Questão 5

- A** **B** **C** **D**

Questão 6

- A** **B** **C** **D**

Questão 8

- A** **B** **C** **D**

Questão 9

Houve adequação da fala da gerente com relação ao cliente a partir do momento em que ela descobriu que ele era seu amigo. A conversa, então, foi marcada pela informalidade.

